

O Estado de S. Paulo

12/8/1986

Sindicalista denuncia ameaça do PT

Do enviado especial

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, José de Fátima Soares, deverá ser convocado a prestar depoimento no inquérito sobre o conflito ocorrido em Leme no dia 11 de julho. José de Fátima — que ganhou projeção após a histórica greve de bóias-frias de 1984 — acusa integrantes do PT de o terem ameaçado de morte durante o enterro de Orlando Correia e Sibely Aparecida Manoel, baleados ao incidente entre cortadores de cana, petistas e policiais militares. O líder sindical, que resolveu abandonar o PT para apoiar Paulo Maluf, apresentou a denúncia na Delegacia de Polícia de Leme e depois procurou a Superintendência da Polícia Federal em São Paulo, onde foi ouvido pelo delegado Marco Antônio Veronezzi.

José de Fátima contou a Veronezzi que chegou a Leme na madrugada de sábado, dia 12, para acompanhar o velório e o enterro de Orlando e Sibely. E ficou dormindo no carro até por volta das 7h30 da manhã, quando foi à casa da família de Orlando. Lá, José de Fátima encontrou, de acordo com suas declarações, um homem que se identificou como diretor do Sindicato dos Médicos de São Paulo e em cuja camisa havia emblemas do PC do B e da CGT.

Esse homem, conforme ressaltou Fátima, disse que ele não deveria dar apoio a Maluf, pois isso "contrariava a vontade dos trabalhadores". O suposto dirigente do Sindicato dos Médicos estava "orientando os cortadores de cana para que, quando a imprensa chegasse, fosse dito que quem atirou foi a polícia", destacou José de Fátima ao delegado Veronezzi. Da casa de Orlando, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba foi para o velório de Sibely, e os comentários que corriam nos dois locais, segundo Fátima, evidenciavam que "o conflito se deu entre políticos e policiais militares, sendo que os trabalhadores foram apenas envolvidos".

Às 9h30 de sábado José de Fátima levou a sogra de Orlando para as proximidades da igreja onde seria celebrada a missa de corpo presente. Pouco depois de parar o carro, ele percebeu "três elementos", dois morenos e um branco, que o fitavam insistentemente. Fátima revelou ao superintendente da Polícia Federal que os homens estavam perto de "duas viaturas da Assembléia Legislativa, placas AL-32 ou AL-34 e AL-94".

Um dos morenos, de acordo com o sindicalista, teria dito ao branco: "Aquele é José de Fátima, sim! Ataque-o". O outro moreno também incitou o branco a atacá-lo, dizendo, como acentuou Fátima: "Vá lá e apaga ele". O branco, obedecendo às ordens, aproximou-se e fez a seguinte ameaça: "Malufista safado, até o final do enterro você terá o seu troco". José de Fátima procurou então o destacamento da Polícia Militar de Leme, cujo comandante o orientou a elaborar um boletim de ocorrência na Polícia Civil. Fátima afirmou ainda que "levando-se em conta que o elemento de cor branca usava emblema do PT", sua morte "está sendo-desejada" pelo partido ao qual pertencia e "que o perdeu como aliado".

Passados 30 dias das mortes em Leme, o inquérito policial que apura as responsabilidades sobre o episódio e suas conseqüências ainda está muito longe da conclusão. Com mais de 300 páginas acerca de 70 testemunhas já interrogadas, o inquérito só deverá ser encaminhado à Justiça dentro de aproximadamente 60 dias. Na opinião do promotor público Francisco Mário Viotti Bernardes.

INTERPELAÇÃO

O governador Franco Montoro e seu secretário da Justiça, Eduardo Muylaert, responderam à interpelação judicial do PT e confirmaram ontem declarações em que atribuem ao partido a responsabilidade pelas violências ocorridas em Leme. Montoro disse ter respondido apenas "em homenagem ao Poder Judiciário", pois considera que "sua manifesta impertinência deixaria o requerido absolutamente desobrigado de qualquer resposta". Para Montoro, o PT só pede explicações na Justiça devido à sua "notória incapacidade de entender, por meios próprios, a realidade brasileira".

(Página 10)